DE L'AMOR PER LA PARAULA:
Estudis en homenatge al professor José Enrique Gargallo Gil
2026, pp. 377–393, https://memoriadelcor.org

GENTÍLICOS E GLOSSÓNIMOS EM ANTIGOS ADAGIÁRIOS: OS POVOS E AS LÍNGUAS PENINSULARES NA ÓTICA DOS PROVÉRBIOS

Maria Filomena GONÇALVES
ECS-DLL, Universidade de Évora [1]

Los lugares vecinos y las naciones se dan matraca unos á otros diciéndose algunas propiedades ó tachas
(Correas, 1906[1627]: 401).

1. INTRODUÇÃO

Os provérbios são frases breves de cariz sentencioso que sintetizam a observação do universo, as experiências humanas e os comportamentos. Referem-se por isso aos ciclos da natureza e aos trabalhos da terra que com eles se relacionam, ou oferecem enunciados moralizadores que condensam, em poucas palavras, uma verdade universal e intemporal, traduzindo, assim, o modo como se perceciona o mundo e os seres. Caracterizam-se também por terem rima, ritmo e sonoridade próprios, assentes em aliterações, pelo que o ouvido e a memória do povo facilmente os retiveram ao longo de séculos. Transmitidos pela oralidade, os provérbios constituem um património coletivo presente em todas as línguas e culturas, podendo ser fruto da criatividade popular ou da apropriação de frases veiculadas em textos cuja importância cultural, no mundo ocidental mas não só —veja-se a Bíblia—, fez com que muitas máximas e sentenças adquirissem valor paremiológico.

[1] CIDEHUS/FCT- UID/00057/2025. DOI: https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025

A especificidade destes enunciados –parémias ou provérbios– determinou, no século XX, a constituição da «paremiologia», disciplina epistemologicamente autonomizada da fraseologia, que se centra, por sua vez, em expressões de outra natureza (as idiomáticas, por ex.). Apesar disso, há estudos de referência em que a «fraseologia», *lato sensu*, continua a abranger os provérbios e outros enunciados proverbiais[2] (Corpas Pastor 1996). Em séculos passados, no entanto, as coleções de frases costumavam incluir quer adágios, quer expressões idiomáticas.

A compilação de provérbios portugueses remonta ao século XVI, mas é nos *Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs* (1651), de António Delicado (1610-?) que se disponibiliza, pela primeira vez, em Portugal, um repertório de adágios organizados por temas e por ordem alfabética, obra à qual, pouco depois, se seguiu o *Florilegio dos Modos de Fallar, e Adagios da Lingoa Portugueza* (1655), do jesuíta Bento Pereira (1605-1681).

No entanto, em datas anteriores às destas compilações, já se encontram provérbios portugueses em «refraneros» de autores castelhanos: *Refranes o Proverbios en Romance* (1555), de Hernán Núñez de Toledo y Guzmán[3] (ca. 1475-1553), obra publicada postumamente em Salamanca, e *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*, de Gonzalo Correas[4] (1571-1631), professor daquela universidade.

Este trabalho atenta precisamente nas mencionadas coleções paremiológicas, duas castelhanas e duas portuguesas, impressas entre os séculos XVI e XVII, com o objetivo de verificar a ocorrência de adágios, provérbios ou parémias que incluam gentílicos relativos aos povos peninsulares e às suas línguas. Assim, a partir das coleções paremiológicas de Hernán Núñez (1555) e Gonzalo Correas (1627), que plasmam a perspetiva castelhana, e das de António Delicado (1651) e Bento Pereira (1655), que traduzem a perspetiva portuguesa, apresentar-se-á uma amostra de provérbios que se distinguem por conterem, de alguma maneira, gentílicos e glossónimos peninsulares.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO CONCEPTUAL E HISTÓRICA

Em português, tal como em outras línguas românicas (Colón Domènech 2010: 11), além de «provérbio», palavra de evidente origem culta (lat. PROVERBIUM), são vários os termos populares para designar enunciados breves dotados de grande engenho e densidade semântica: «adágio», «refrão», «rifão», «anexim», «dito»,

[2] Para a destrinça entre «provérbio» («refrán» em espanhol) e «frase proverbial», remete-se para Muñoz-Sevilla (2020).
[3] Era natural de Valladolid.
[4] Extremenho, nasceu em Jaráiz de la Vera.

«ditado».[5] A estas, acrescem-se outras expressões, mais cultas —«aforismo», «apotegma» e «máxima»[6] e, mais recentemente, «parémia» (do gr. PAROEMÍA), termo que pode servir de hiperónimo dos restantes (Gargallo / Fontana i Tous 2022: 101).

Com atestação antiga na língua portuguesa, aquelas expressões populares tinham ampla circulação em Seiscentos, centúria em que vêm a lume as duas primeiras coleções paremiológicas em Portugal (Díaz Ferrero 2001), nas quais António Delicado (1610-?) e Bento Pereira (1605-1681)[7], na esteira da tradição fundada por Erasmo de Roterdão (1466-1536), com os seus *Adagia* (Colón Domènech 2004), compulsam frases em português.[8]

Contudo, a tradição teve como antecedente os *Refranes o Proverbios en Romance*, de Hernán Núñez de Toledo y Guzmán (ca. 1475-1553), publicados postumamente em Salamanca, no ano de 1555. Este autor castelhano arrolou 8.557 «formas sentenciosas», entre elas adágios portugueses e galegos, sendo estes uns 134 (Conde Tarrío 2004: 2). A par dos castelhanos, Núñez compulsa adágios franceses e italianos, assim como catalães e aragoneses, num repertório românico que se presta a uma paremiologia comparativa no século XVI (Guía i Marín sd).

Ciente da síntese semântica inerente aos adágios, que assim condensam os variados âmbitos da vida humana e dos ciclos da natureza, o português António Delicado (1651: *Ao Leitor*) sublinha que os adágios «saõ as mais approuadas sentenças, que a experiencia achou nas acçoens humanas, ditas em breves, & eloquentes palauras. Comprehende esta doutrina nam sò as cousas morais, mas todas sciencias, & por isso em as mais das nações procuraram authores graues polas em memoria».[9] Ora, numa simples consulta de repertórios como os atrás mencionados ou outros, posteriores —por ex. o de Rolland (1780)—, observa-se

[5] Não se retoma aqui a definição de cada termo. Sobre o assunto, veja-se Lopes (1992) e Postigo Aldeamil (2007). Neste trabalho, aceita-se que «provérbio» e «adágio» são equivalentes.

[6] Nota-se a circularidade das definições lexicográficas: Bluteau remete de «provérbio» para «adágio» e «rifão»; de «anexim», para «axioma» e «dito», e de «refrão», para «rifão», tomando ambos como equivalentes de «adágio» (Bluteau 1712: 119, 372-373; Bluteau 1720: 334, 371, 805, 586). Para a relação entre paremiologia e lexicografia, cf. Fernández Sevilla (1985).

[7] Ambos são naturais do Alentejo: o primeiro, de Alvito, e o segundo, de Borba, localidades do distrito de Évora. Um era prior da Igreja de Nossa Senhora da Caridade, próximo de Évora; o outro foi um insigne professor do Colégio do Espírito Santo de Évora, universidade da Companhia de Jesus. Gramático e lexicógrafo, foi um polígrafo, com muitas obras metalinguísticas e didáticas.

[8] Nos séculos XVI e XVII, era frequente o recurso a adágios como artifício estilístico (Lázaro Carreter 1979) que imprimia autenticidade linguística. Vejam-se a *Comédia Eufrosina* (1555), de Ferreira de Vasconcelos (Asensio 1951; Chacoto 2007), ou a *Corte na Aldeia* (1619), de Rodrigues Lobo.

[9] O autor alentejano cita autores franceses, italianos e castelhanos. Dos últimos, refere precisamente Hernán Núñez, Juan de Mallara (o Mal Lara), autor da *La Philosophia Vulgar* (1568), e Blasco de Garay, autor de *Refranes o proverbios españoles traduzidos en lengua francesa* (1614).

que são muitos e variados os domínios ou campos semânticos pelos quais se repartem os adágios, sobressaindo alguns já bem estudados, como os relativos à «mulher» (Díaz Ferrero 2004), ao «vinho» (Chacoto 2013), ao «calendário e a meteorologia» (Gargallo 2010; Gargallo / Fontana 2022).

Por serem fruto da observação direta e empírica do universo, os provérbios não podiam deixar de refletir uma visão sobre os povos e suas relações de vizinhança, atribuindo-lhes características comportamentais ou psicológicas que configuram estereótipos e preconceitos, alguns dos quais, atravessando os séculos, persistem nos nossos dias. E, por extensão, outro tanto se nota a respeito das línguas, que chegam a ser imitadas para retratar ou caricaturar quem as fala. Daí que os gentílicos e glossónimos contidos nos adágios sejam uma importante fonte para captar o modo como os povos se avaliavam uns aos outros e viam as suas línguas. A vizinhança e a rivalidade entre povos, mais ou menos próximos geograficamente, perpassam em muitos provérbios, assim como a comparação ou ridicularização do outro(s), já que este género de enunciados tende a ser disfórico, sintetizando juízos negativos. Importa, por isso, verificar em que medida os adágios que contêm gentílicos ou glossónimos confirmam esta tendência avaliativa.

Com esse propósito, selecionam-se alguns adágios castelhanos e portugueses que ou contêm os gentílicos ou os glossónimos «português», «galego» e «castelhano» ou usam estes e outros («aragonês», «asturiano», «catalão», «extremenho», «vizcaíno»)[10] como «marca lexicográfica» (etiqueta) para identificar a língua presente nos provérbios.

3. GENTÍLICOS E GLOSSÓNIMOS

A recolha da amostra realizou-se manualmente no caso das obras cujas reprodução digital não dispunha da funcionalidade de pesquisa de conteúdo (total ou parcial). Assim aconteceu com as compilações dos portugueses Delicado (1651) e Pereira (1655) e, em parte, com o «refranero» de Hernán Núñez, em que a busca tomou como base a edição de 1621, disponível em *Google Books* com pesquisa automática do conteúdo. Por sua vez, o levantamento de gentílicos e glossónimos a partir do *Vocabulario* de Correas (1627) obteve-se graças à busca automática facilitada pelo *corpus* de obras paremiológicas agregadas no projeto PROVERBIUM (https://www.gr-gnome.eu/proverbium/index.php).

Optou-se pela apresentação das obras por ordem cronológica, de acordo com a data da edição *prínceps* —Núñez (1555), Correas (1627), Delicado (1651) e Pereira

[10] Ao contrário do adagiário de Correas, que inclui o gentílico «vizcaino», a compilação de Núñez compreende unicamente etiquetas de línguas românicas.

(1655)—, conquanto as edições dos dois primeiros, devido às restrições acima mencionadas, tenham data posterior.

Esclarecido o método de recolha, ressalve-se que a busca manual nas duas obras portuguesas não permite uma sistematicidade equivalente à conseguida para as castelhanas, em que foi possível realizar pesquisa automática do conteúdo, aspeto que, apesar do evidente desequilíbrio numérico entre os dados extraídos das obras castelhanas e os das portuguesas, não prejudica a finalidade em vista.

3.1. *Refranes o proverbios en romance* (Núñez 1555)

O adagiário de Hernán Núñez inclui inúmeras ocorrências do glossónimo «português», servindo de marca lexicográfica para assinalar os provérbios em língua portuguesa; porém, são menos abundantes os provérbios castelhanos que incluem aquela palavra como gentílico. Dentre os adágios marcados com a etiqueta «*El Portugués*», vejam-se os seguintes, cuja transcrição respeita a ortografia da edição de 1621, assim como outros aspetos linguísticos dessa edição:[11]

> - A guerra é a cea começandose se atea. *El Portugues* (Núñez 1621: 4).
> - Naon ha mal que cem anos dure, nem bem que os ature. *El Portugues.* (Núñez, 1621: 74v).
> - Quem sempre mente, vergoña naõ sente. *El Portugues* (Núñez, 1621: 9).
> - Quem mata chirumbela, mais sabe que ela. *El Portugues.* (Núñez, 1621: 9).
> - Quem naó poda en Março, vendima no regaço. *El Portugues.* (Núñez, 1621: 9).
> - Tenes teu fillo morto, e tenes o aipo no horto. *El Portugues* (Núñez, 1621: 114).
> - Teña mangas, e caveçaõ, quer teña fralda, quer naõ. *El Portugues* (Núñez, 1621: 114).
> - Rio torto, onze vezes se passa. *El Portugués* (Núñez, 1621: 107).
> - Quem com farelos se mestura, porcos o comen. *El Portugués* (Núñez, 1621: 97v).
> - Ollos verdes en poucas fases os veredes. *El Portugués* (Núñez, 1621: 24).
> - O fillo do pastor naõ se cria sem dolor. *El Portugués.* (Núñez, 1621: 84).
> - Mulas, y putas, sempre reynan. *El Portugues. Reynar llaman pensar en maldad* (Núñez 1621: 72v.).
> - Afeyta un cepo, parecerá mancebo. *Cepo llama el Portugues al palo* (Núñez 1621: 3v).

Outros, ainda, contêm topónimos portugueses, conforme ilustram estes três:

> - Onde ys? A Evoramonte fezer barris. *El Portugues. Donde ys? A Euoramonte a hacer barriles. Haze el refrán burla dé la nescia pregunta de los que dizen, donde vays* (Núñez, 1621: 83).

[11] Registam-se interferências do castelhano ou dificuldades de compreensão de palavras do português, aspeto em que se não detém este trabalho.

- Conciencia de Portalegre, que vem de gato por lebre. *El portugues*. Portalegre, lugar de Portugal (Núñez 1621: 24).
- Caualeyro de Pageada vien fora y caga em casa. *El português. Pageada es cierta tierra de Portugal*. p. (Núñez 1621: 20).

Tanto o conhecimento do território português como as situações ou os acontecimentos ali vividos ficam plasmados em adágios castelhanos que contêm topónimos portugueses, como mostram os abaixo transcritos:

- Echelo vay, echelo ven, de Lisboa a Santarem. *El Portugues* (Núñez 1621: 36).
- Quien no vido a Lisboa, no vido a cosa boa (Núñez 1621:105).
- Antes que yantes, no passes de Abrantes. *Villa de Portugal, abundosa* (Núñez 1621: 11).
- Buenos es un amigo de Arronches. *Pueblo de Portugal, cabe Albuquerque, pequeño y pobre* (Núñez 1621: 19).

Ademais dos anteriores, nos seguintes ocorre o topónimo Portugal:

- Viejas a solejar que arreboles ay en Portugal (Núñez 1621: 119).
- Aprendiz de Portugal, no sabe coser y quiere cortar (Núñez 1621: 12).
- En Portugal, aceite que no pan (Núñez 1621: 47).

Quanto à unidade «galego», embora esta se registe em alguns provérbios, serve principalmente de marca lexicográfica para assinalar os adágios com aquela origem, sendo que, em muitos desses adágios, Núñez oferece uma glosa com o equivalente castelhano ou uma tradução. Vejam-se alguns:

- Paz de Gallego tenia por agüero (Núñez, 1621: 77v).
- Moça rinchadeyra, o puta, ó parleyra. *El Gallego.* Llama rinchadeyra, a la que se rie mucho (Núñez, 1621: 73).
- Quem tem co chore, cada dia morre. *El Gallego* (Núñez, 1621: 97v).
- O pan trigo o centeo mas val na barriga que no seo. *El Gallego. O pan de trigo, o centeno, mas vale en el vientre, que en el seno* (Núñez, 1621: 83v).
- O home Cordo non le quema o porro. *El Gallego. El hombre cuerdo no le quema el puerro* (Núñez 1621: 83v).
- A noyte da boda, qual a achares tal a toma. *El Gallego* (Núñez, 1621: 10v).

Das ocorrências de «asturiano» salientem-se os seguintes, como glossónimo e como marca identificadora da língua, acrescentando, também neste caso, uma glosa em castelhano.

- Agua de Mayo, mata gocho de un año. *El Asturiano. Gocho llaman al cochino de un año* (Núñez, 1621: 10v).
- Agua de Hebrero, mata al onzonero. *El Asturiano. Onzonero llama al renovero* (Núñez, 1621: 10v).

Tal como os anteriores, «catalán» aparece igualmente como glossónimo para assinalar os provérbios dessa língua, como se observa nos transcritos a seguir.

- Por amor del bou, llepa lo llop el jou. *El Catalan* (Núñez, 1621: 90).
- Pera, presec, y meló, volen lo vi sello. *El Valenciano. Pera, durazno, y melón quiere el vino puro* (Núñez, 1621: 78).
- Mol parlar nou mol gratar cou. *El Catalan. Mucho hablar empece: mucho rascar escuece* (Núñez, 1621: 72).

A estes gentílicos e glossónimos, acrescem-se, ainda, «andaluz», «murciano», «valenciano» e «asturiano», registados nos adágios abaixo.

- Del andaluz guarda tu capuz (Núñez 1621: 29).
- Nabo Bejarano, repollo murciano (Núñez 1621: 374).
- Figa verdal, y moça de hostal, palpã se madura. *El Valenciano.* (Núñez 1621: 49v).

Encontram-se, do mesmo, topónimos relativos a outras regiões peninsulares, de que é exemplo «Arreboles de Aragón, a la noche cõ agua son: y arreboles de Portugal, a la mañana Sol serán (Núñez 1621: 13)».

3.2. V*ocabulario de refranes* (Correas 1906[1627])

A do ilustre professor salmantino é a obra que contempla maior variedade de gentílicos —«galego, português, catalão, asturiano, valenciano, biscainho (cast. vizcaíno)»—, assim como numerosos topónimos peninsulares.

Relativamente a «português», Correas arrola muitos adágios que incluem esse gentílico ou que o mencionam na glosa, vale dizer, na explicação do provérbio. Isto significa que nem todas as ocorrências do gentílico «português» —no singular, no plural («portugueses») ou no feminino («portuguesa»)— correspondem a provérbios sobre portugueses ou a uma visão sobre estes, sendo de notar que em alguns desses «refranes» se imita a fala portuguesa com intuito burlesco ou caricatural. Com efeito, os provérbios tanto espelham uma perceção acerca do outro, dos seus traços físicos, comportamentais e psicológicos como também uma visão da língua do outro, que ora é imitada, ora serve para caracterizar os falantes dessa língua. A esse propósito, sublinhava Correas: «solemos corruptamente imitar los lenguajes de las naciones vecinas».

Vejam-se as seguintes ocorrências de adágios que correspondem às situações antes mencionadas, sendo que, em vários, o «português» é visto como presunçoso, pouco confiável ou perdulário. Também é de realçar a avaliação crítica, disfórica, que permeia boa parte dos enunciados abaixo selecionados como ilustração.

> **-** **Portugués** seboso, **portugués** rabudo. Los lugares vecinos y las naciones se dan matraca unos a otros diciéndose algunas propiedades o tachas. Llamámoslos sebosos a los **portugueses** motejándolos de muy enamorados […].
> **-** Entre Duero e Miño, **portugués** ratiño.[12]
> **-** Hinchado como **portugués**. Por el presumido.
> - **Portugués** ratiño, fáltale para pan y no para vino.
> **-** **Portugués** seboso, rabo de cuchar, no tiene blanca, y quiérese casar.
> **-** **Palabra portuguesa**. Por no cierta.
> **-** Lisboa, terra boa. Usámosle al modo **portugués**.
> **-** Adiante, como o rey de Portugal. Usámosle imitando al **portugués**.
> **-** Mama daba Castela. Imítase el **dicho portugués**, cuando se va llegando al fin de algo y resta poco para acabar; úsase en el juego.
> **-** O malo, o bon, teu xenro sou. **Portugués**.
> **-** Onde hay multo riso, hay poco siso**. Tomado del portugués.** Siso es seso.
> **-** Por donde mi padre piensa que me deserda, por ahí merda. **Dicho es de portugués**, y tiene gracia en la pulla que echa, deserda por deshereda, merda por mierda, me ereda; allá erdar es heredar.
> **-** Razón tendes vos, Vasco Fernández, mas naon os ten de valer. Imita el **castellano al portugués**
> - Si cagáis, cagáis la vida; si no cagáis, vos morréis; cata la vida perdida, que caguéis que no caguéis.. **Imitado portugués.**[13]
> - Vedes que sal sol, pois ainda en La Parra chove. La Parra está en Extremadura, en un valle lluvioso, y **dícenlo medio en portugués**.
> - Zombar con a verdade no e de galante. **Burlar portugués**.
> **-** Manda noso Siñor o Rey de Portugal que ninguén sea fosado a echar los borriños al prado; que comen los gamoniños, que son para virotiños para matar los castexanos, que son peores que demos y diabos. **Imita la habla portuguesa**, impropiamente, por burlar.

Além de provérbios (e suas glosas) contendo o gentílico «português», outros há em que ocorrem topónimos portugueses, como se comprova abaixo:

[12] Segundo o *Diccionario de Lengua Española* (DEL), da Real Academia Española, em linha, *ratiño*, do port. «ratinho 'ratoncito'», é um «apodo con que se motejaba a los habitantes de comarcas que limitan con Galicia». Em Portugal, no entanto *ratinho* é o epíteto dado ao natural das Beiras devido à sua «sordidez» (Vieira 1874: 90).

[13] O domínio escatológico, que mereceria atenção, extravasa o escopo deste trabalho. A referência aos excrementos e sua evacuação é uma forma de desqualificação de realidades ou seres.

-A quien Dios quiso bien, llevóle a morar entre **Lisboa y Santarén.**
-Ciudad por ciudad, **Lisboa en Portugal.**
-Hételo va, hételo vién, de **Lisboa a Santarén.**
-Lisboa, terra boa. Usámosle **al modo portugués.**
-San Antonio de Lisboa, no está en casa el Santo, que es ido fora.
-Villa por villa, Valladolid en Castilla; tanto por tanto, Medina del Campo; ciudad por ciudad, **Lisboa en Portugal**; aldea por aldea, Fregenal de la Sierra, de la Suela. En tierra de Plasencia dicen: Aldea por aldea, Jaraiz de la Vera.
- Cuando la roca tien capelo, coge la vela y vaite a **Rastelo.**[14] La roca es monte, **Rastelo** puerto **junto a Lisboa.**
- En Viseo, el can al conejo y el hombre al concejo
- Hombre de **Viseo,** guárdate de eo. Es villa en Portugal.
- Evoramonte no tiene sed, córrele el agua por el pie. (Es en Portugal).

Mais abundantes são os enunciados contendo «galego» como gentílico, conforme se observa a seguir:

- ¿Ayunáis, **gallego**? —Sí, a pesar de o demo.
- El mozo del escudero **gallego**, que andaba todo el año descalzo, y por un día quería matar al zapatero**.**
- Mete en tu pajar al **gallego**, hacérsete ha hijo heredero,
- Ni perro, ni negro, ni mozo **gallego**.
- Paz de **gallego**, tenla por agüero.
- Prenda de **gallego** vale dinero. Porque asegura la deuda.
- **Gallego**, ¿fuiste hoy a misa? —Sí, si a Dios plugo, y sea loado. —¿Viste a Dios? —No miré en tanto.
- **Gallego**, ¿quiés ir a misa? —No teño zapatos. —¿Quiés ir a la taberna? —Aquí teño cuatro cuartos.
- **Gallego**, vuélvete moro: —No queiro. —Y te daré dos reales. —No queiro. —Darte he dos y medio.

Em certos casos, o «galego» aparece emparelhado com «português»:

- Por San André toma o porco por o pe. **Gallego y portugués**.
- Quien tiene quien le llore, cada día morre. **Del gallego y portugués**.
- O mayo sin turbons, como ome sin collons. **Gallego y portugués**.

Noutros provérbios, imita-se o galego, consoante confirmam os abaixo indicados:

[14] É o topónimo Restelo.

- Si duerme el ojo, si no, descansa el corpo. **Imitando al gallego**.
- Come de teo, y viste de teo, y llámate meo. **Imita al gallego**.

São etiquetados como galegos vários outros, dentre os quais se transcrevem uns quantos:

- Antes torto que ciego del todo. *El gallego*.
- File o demo, que yo tres camisas teño. *El gallego*.
- No son tantas las noces como las voces. *El gallego*.
- Pequeño machado, derriba gran carballo. *Es gallego*: el roble.
- Compañía de tres, el demo la fez. Gallego.
- Cuando el trigo está loro, el barbo como un toro. Loro es tostado. *Gallego*.
- Entre Santos y Natal faz invierno carval. *Gallego*.
- Muito pode o moucho, sobre o seu soto. El mochuelo. *Gallego*.
- O demo a lo seus quer. *Gallego*. Sinónimo(s): El demo a los suyos quiere.

No *Vocabulario* de Correas avultam os provérbios meteorológicos,[15] um dos campos semânticos mais fecundos neste género de enunciados, e dos que mais têm sido estudados em paremiologia. Vejam-se os abaixo transcritos:

- No marzo abrigo, no cese pan trigo. *Gallego*.
- Febrero, corrusquero; marzo, ventoso; abril, llovioso; mayo, loro, cubierto de oro. En gallego loro es pardo obscuro.
- Vento de marzo y chuvia de abril cárregan el carro y el costruil. Es la troje y vasijas en que se echa el pan. *El gallego*.

São de destacar, por outro lado, alguns adágios atribuídos por Correas quer ao galego quer ao asturiano, como reflexo de um *continuum* linguístico que não se compadece com o traçado de fronteiras. Atente-se nos seguintes:

- Manda e faxe, excusarás paxe. **El asturiano y gallego**.
- Piedra de igreja, oro goteja. **Asturiano y gallego**.
- La cabeza del budión ante ti la pon, y la de la boga ante tua sogra. **Gallego dice y asturiano.**

Relativamente ao nome «asturiano», apontam-se alguns casos que ilustram o seu uso como gentílico e glossónimo:

- Al **asturiano**, vino puro y lanza en mano.

[15] Sobre provérbios deste campo semântico, entre outros trabalhos do mesmo autor, cf. Gargallo (2010).

- A la noche y con aguacero, no es bueno traer sombrero. **El asturiano** llama aquí sombrero la vela de la nave.
- Agua de febrero mata al onzonero. **El asturiano** llama onzonero al renovero.
- Agua de mayo mata gocho de un año. **El asturiano** llama gocho al cochino pequeño, porque hay con que le engordar para el año.
- Agua que corre, nunca mal coge. **El asturiano**: Agua que corre, nunca mal culce.
- Año de glande, año de landre. **El asturiano** llama glande o lande a la bellota, y comprende nueces, avellanas y castañas.
- Boga de xinero, sabe como carnero. **El asturiano**.
- Castañas verdes por Nadal, saben bien y pártense mal. **El asturiano**, que llama nadal a la Navidad; quiere decir que hay pocas castañas verdes, y que valen caras entonces, y así otras cosas.
- Dios que me fezo, no es muerto ni preso. **El asturiano**.
- El ablano y el cabrón, en mayo tienen sazón. **El asturiano** llama ablano al avellano.
- Por la Candelera, muda tu pechera, y nanta tu cibera. Nanta es acrecienta, porque los días crecen, y sale la gente al trabajo, y ha menester más comida. **El asturiano**.

No *Vocabulario de refranes* encontra-se o gentílico «aragonês» em adágios como os abaixo transcritos, os quais comportam, na sua maioria, uma avaliação crítica de mentalidade e comportamentos atribuídos aos naturais de Aragão:

- **El aragonés**, por excusar, deja de gastar. Llama excusar al ahorrar.
- **En boca de aragonés** no hay mal pez. Porque está el mar lejos, y no pueden escoger.
- Meter el clavo por la cabeza, como **el aragonés.** Dícese de los porfiados y cabezudos, que no mudan parecer aunque vayan errados.
- **Aragonés**, falso y cortés.
- **Aragonés** tozudo, mete el clavo en la peña por la cabeza, y dale en la punta con el puño y jura que ha de entrar.
- **Aragonés**, ¡ay de la casa que está un mes, y si está un año, ése con daño!

Aos anteriores, junta-se o gentílico «catalão» que, entre muitos outros, ocorre nos provérbios abaixo, que denotam um estereótipo do povo catalão, visto habitualmente como avarento ou apegado ao dinheiro.

- Bien canta **el catalán** si se lo dan.
- **El catalán**, sino la fez, él la fará.
- **Mesa de catalán**. Por mucha vianda y sin pan.

Noutros casos, os provérbios castelhanos são, segundo Correas, imitação do catalão ou empréstimos deste:

- A hombre sabio, cuchara de pan. **Tomado del catalán**.
- Amor faz molto, argén faz todo. **Imitado del catalán**. Amor y fa molt, arjén fa tot; arjén es plata.
- El niño y el orate dicen la veritate. **Imitado del catalán**.
- El sol que sale a bon maitín, y la mujer que parla latín, y el perlado que ama lo buen vin, nunca habrán buen fin. **Tómase del catalán, imitando su lengua**.

Por sua vez, são etiquetados como catalães, os seguintes adágios:

- Al fuir llaman retraure y a los ladres caballers. *Es catalán*.
- En juliol, ni dona ni caracol. *En catalán* juliol es julio.
- Fi de gata, mur mata. *Del catalán*. Hijo de gata, ratón mata.
- Deprén y aprén, y sabrás; hayas cura y mesura, y habrás. *Catalán*.
- Ni piedra redona, ni gente de Girona. *Catalán* redona por redonda.
- No des tanto a San Pere, que le vayas dejere. ***Catalán***: que te empobrezcas.

Dentre os provérbios que incluem, por seu turno, o gentílico «castelhano», destaquem-se dois:

- **Castellano** ayunante, mal para el pan do día de adelante.
- A gallego pedidor, **castelhano** tenedor.

Aos anteriores, juntam-se outros gentílicos no *Vocabulario* de Gonzalo Correas, como é o caso de «extremenho» e «andaluz»:

- **Extremeño**, aunque sea un leño. Sinónimo(s): **Extremeño**, siquiera leño.
- Al **andaluz**, muéstrale la cruz; al extremeño, el leño.

Menos abundantes são os provérbios em que contêm a unidade «**murciano**», que ocorre no enunciado **«**Nabo bejarano, repollo murciano», anteriormente arrolada por Núñez, com a qual se enaltece a qualidade de produtos hortícolas da região mencionada. Nuns poucos entra o gentílico «valenciano», como neste: «Gentil ojo de rabo para un soltero **valenciano**. Desdén a entonados».

Quanto a «andaluz», que também está presente como gentílico em adágios de Correas, vejam-se alguns, escolhidos por incluírem comparações entre o natural da Andaluzia e os naturais de outras regiões do reino de Castela.

- Al andaluz, hacelle la cruz; al cordobés, hacelle tres. Algunos dicen: al sevillano, con toda la mano; al burgalés, con el envés. Sinónimo(s): Al sevillano, con toda la mano; al burgalés, con el envés.

- Al andaluz, hacelle la cruz; al sevillano, con toda la mano; al cordobés, con el envés, o con manos y pies.
- Al andaluz, muéstrale la cruz; al extremeño, el leño.

Por último, refiram-se algumas ocorrências de «vizcaíno», como gentílico ou como glossónimo, como mostram os adágios seguintes:

- Largo y angosto, como alma de **vizcaíno**. Dícese porque los que vienen nuevos a Salamanca, por una parte querrían mostrarse liberales y por otra se estrechan porque es poco el caudal.
- En nao y en castillo, no más de un **vizcaíno.** Porque son caprichosos y se aunan.
- Buena mujer lleváis, él dirá. La respuesta **imita al vizcaíno**.
- Esas risas, arregaños son para mí. **Dicho de vizcaíno**.
- ¿Qué tenemos, hijo o hija? —Mejor, señor, hija muerta. Respuesta de mozo vizcaíno, del parto de su ama.

3.3. *Adagios Portuguezes* (Delicado 1651)

Repartidos por 62 «lugares communs» que correspondem, *grosso modo*, ao que hoje se chama campos semânticos, os adágios de António Delicado são menos numerosos do que os dos autores castelhanos que o antecederam.

No seu repertório, os gentílicos e os topónimos são, talvez por isso, menos abundantes e menos diversificados do que nas duas obras castelhanas. Registam-se, ainda assim, alguns adágios, aqui transcritos com base na edição *princeps* da obra do alentejano.

- Muito pam tem Castela, mas quem o nam tem lazera (Delicado 1651: 9).
- De Castella, nem bom vento, nem casamento (Delicado 1651).
- Jejua gallego, que nam ha paõ cozido (Delicado 1651: 105).
- Guarte de cão prezo, & de moço Gallego (Delicado 1651: 161).

Delicado também arrola adágios que, na verdade, são fruto da tradução para português de parémias castelhanas, o que põe em causa a própria natureza paremiológica dos enunciados produzidos na língua de chegada, como salienta Guia i Marín (sd: 1): «la traducción de un refrán de otra lengua, aunque se le dé forma parémica y se recurra a la rima, no tiene por qué ser ni convertirse en un refrán de la lengua propia del traductor». Atente-se nestes casos:

- Medicos de Valença, grandes fraldas pouca sciencia (em cast. «Valencia» rimava com «ciencia»).[16]
- Amizade de genro, sol de inverno (não aquece) (em cast. «yerno» rimava com «invierno».
- Avicena e Galeno trazem a minha casa o bem alheo (em cast. «ajeno» rimava com «ajeno»).
- Minha filha Tareja, hum diabo a toma outro a deixa (em cast. Tareja rimava com «deja»).
- Ao homem mayor, da-lhe honra» (em cast. «mayor» rimava com «honor»).
- Quem bem está mal escolhe, por mal que lhe venha nam se anoje (em cast., «anoje» rimava com «escoge».
- Axa foy ao banho, teve que contar anno (em cast. «baño» rimava com «año»).

3.4. *Florilegio e modos de fallar da lingoa portugueza* (Pereira 1655)

A obra do jesuíta Bento Pereira divide-se em duas partes, sendo-se que na segunda (páginas 93 a 124) reúne, por ordem alfabética, os adágios portugueses, afastando-se da prática de António Delicado, porquanto este, como referido anteriormente, os repartiu pelos chamados «lugares comuns».

No rol do mestre alentejano não abundam os glossónimos, mas encontram-se uns poucos gentílicos. Refiram-se:

- Donde veyo a Pedro fallar **Gallego**? (Pereira, 1655: 103).
- Feros de **Castelhano** lançais (Pereira, 1655: 105).
- Diz o **Castelhano**: Palabra y piedra suelta no tiene vuelta (Pereira, 1655: 116).
- Diz o **Castelhano**: Obras son amores, y no bue nas razones (Pereira, 1655: 115).

A estes, acresce o provérbio que plasma a antiga desconfiança com que os portugueses olham os vizinhos castelhanos —«De Castela, nem vento nem casamento»—, adágio que tem dado o mote para estudos de várias naturezas (Batalha 1924; Pais 1985).

No *Florilegio* localizam-se alguns adágios castelhanos, e bem assim topónimos com a mesma origem. Vejam-se os seguintes:

- Achaque al Viernes por no ayunar (Pereira, 1655: 93).
- De cien en cien años los reys son villanos, y de ciento y seis los villanos reys (Pereira, 1655: 101).
- Del dicho al hecho và gran trecho (Pereira, 1655: 101).
- Hidalgo como el rey, dinero no tanto (Pereira, 1655: 107).
- Muito paõ tem Castella, mas quem o não tem lazera (Pereira, 1655: 111).

[16] Adágio recolhido entre os *Refranes* de Núñez (1621: 70v): «Médicos de Valencia, luengas haldas, y poca ciência».

- Digo y callo por el tiempo en que me hallo (Pereira 1655: 115).
- Onde las dan, las lleuan (Pereira 1655: 115).
- Paga lo que deues, ſanaràs del mal que tienes (Pereira, 1655: 116).
- Por dinero baila el perro (Pereira, 1655:117).
- Si la pildora bien supiera, no la dorarã por de fuera (Pereira, 1655:122).
- Si mucho las pintas, y regalas, de buenas hijas haràs malas (Pereira, 1655: 122).
- Tanto tienes, tanto vales (Pereira, 1655: 122).
- Voluntad es vida (Pereira, 1655: 124).:
- En tu villa como en tu villa, y en Seuilla como en Seuilla (Pereira, 1655: 104).

Também contêm topónimos os adágios abaixo transcritos, sendo que o segundo é uma tradução do castelhano:

- Correu Séca & Mèca, & oliuaes de Santarem (Pereira, 1655: 100).
- Salamanca a huns sara, a outros manca (Pereira, 1655: 121).

4. NOTAS FINAIS

Os quatro adagiários em apreço representam a lexicografia paremiológica dos séculos XVI e XVII, período em que, devido às relações sociais, políticas e culturais entre os dois reinos peninsulares e ao bilinguismo cortesão e literário em Portugal, as coleções portuguesas não dispensam adágios castelhanos, na língua original ou em tradução. A inversa não é menos verdadeira, como demonstram os «refraneros» castelhanos de Hernán Núñez (1555) e Gonzalo Correas (1627).

Nos repertórios de António Delicado (1651) e Bento Pereira (1655), além da inclusão de provérbios castelhanos, nota-se a ausência de menção a outras gentes peninsulares; em contraponto, nos adagiários castelhanos avulta não só a diversidade de gentes e línguas do reino de Castela, a atual Espanha, como também a abrangência das compilações. A diversidade linguística do território peninsular plasma-se, com efeito, em toda a sua riqueza, nos vários gentílicos e glossónimos integrados nas obras castelhanas: do «português» ao «vizcaíno», no adagiário de Gonzalo Correas; do «galego» ao «catalão», passando pelo «asturiano» e o «valenciano», no de Hernán Núñez. Ao tratarem de responder à essa diversidade linguística, românica mas não só —veja-se Correas, que contempla o «vizcaíno»— da Península Ibérica, os autores castelhanos abrangem o povo e a língua do reino vizinho, fornecendo ao leitor uma ampla cartografia paremiológica desse território. A partir de um território com menor diversidade linguística, os autores portugueses, pelo contrário, tratam de responder a um contexto social e cultural que, marcado pelo bilinguismo luso-castelhano das elites, desatende as restantes línguas e variedades da Península.

Os exemplos extraídos dos quatro adagiários dão cabal testemunho de juízos e estereótipos subjacentes a muitos dos provérbios que contêm gentílicos ou glossónimos. Finalmente, os provérbios mostram como um povo ajuíza outro(s), condensando a sua avaliação em enunciados que perduram no tempo e são património coletivo. Sem intuito de exaustividade, espera-se ter trazido elementos novos sobre o modo como os provérbios denotam uma visão sobre os povos e as suas línguas, podendo assim contribuir para os estudos das fronteiras e da diversidade linguística na Península Ibérica.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Ladislau (1924): *História Geral dos Adágios Portugueses. Com um estudo preambular do Dr. Agostinho Fortes*. Paris – Lisboa: Aillaud e Bertrand.

BLUTEAU, D. Rafael (1712-1721): *Vocabulario Portuguez e Latino*. Lisboa. 8 vols. Coimbra: Collegio das Artes/Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.

CHACOTO, Lucília (2007): «Las paremias en la *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos», en *Seminario Internacional «Colección Paremiológica – Madrid 1922-2007»*. Madrid: Biblioteca Histórica Municipal, p. 73-96.

CHACOTO, Lucília (2013): «Muita parra, pouca uva. Da vinha e do vinho nos provérbios portugueses». *Paremia*, 22, p.149-160

COLÓN DOMÈNECH, Germà (2010): «Los refranes en la Romania», in GARGALLO GIL, José Enrique (coord.), con colab. de BASTARDAS, Maria-Reina; FONTANA i Tous, Joan; TORRES TORRES, Antonio, *Paremiología romance. Los refranes meteorológicos*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 11-23.

CONDE TARRIO, Germán (2004): «Hernán Núñez (1555) e Gonzalo de Correas (1627): os primeiros refraneiros galegos», *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 6, p. 27-56.

CORPAS PASTOR, Gloria (1996): *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.

CORREAS, Gonzalo (1906 [¹1627]): *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*. Madrid: Establecimiento Tipográfico de Jaime Ratés. Disponível em: https://archive.org/details/vocabularioderef00corruoft (consulta: 18/2/2026).

DELICADO, António (1651): *Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs*. Lisboa: Na Officina de Domingos Lopes Rosa.

DÍAZ FERRERO, A. M. (2004): *La mujer en el refranero portugués*. Salamanca: Luso-española de ediciones.

DÍAZ FERRERO, A. M. (2001): "Colecciones paremiológicas portuguesas", *Paremia*, 10, p. 57-64.

FERNÁNDEZ SEVILLA, Julio (1985): «Paremiología y lexicografía. Algunas precisiones terminológicas y conceptuales», em *Philologia Hispaniensia. In Honorem Manuel Alvar*, II. Madrid: Gredos, p.191-203.

GARGALLO GIL, José Enrique / FONTANA i TOUS, Joan (2022): «Refranes del calendario y meteorología popular. El rumano en su contexto romance». Fonetică şi dialectologie,

XLI, p. 101-115. Disponível em: https://lingv.ro/wp-content/uploads/2023/12/10-Gargallo.pdf (consulta: 18/2/2026).

GONÇALVES, Maria Filomena (2009): «Contribuciones para el estudio de la Paremiología portuguesa: el *Florilegio dos modos de fallar, e Adagios da Lingoa Portuguesa* (1655)», Paremia, 18, p. 153-162.

GUIA i MARÍN, Josep (sd). *Refranes o proverbios italianos, catalanes y aragoneses*, 13 p. Disponível em: https://www.academia.edu/12211691/Refranes_italianos_catalanes_y_aragoneses_compilados_por_Hern%C3%A1n_N%C3%BA%C3%B1ez_1555 (consulta: 18/2/2026).

LÁZARO CARRETER, Fernando (1979): «La lengua de los refranes: ¿espontaneidad o artificio», em *Estudios de lingüística*. Barcelona: Crítica, p. 219-232.

LOPES, Ana Cristina Macário (1992): *O texto proverbial português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras.

NÚÑEZ, Hernán (1555): *Refranes o proverbios en romance, qve nvevamente colligio y glosso el Comendador* […]. Salamanca: Casa de Juan de Cánova.

NÚÑEZ, Hernán (1621 [1555]): *Refranes o proverbios en romance*. Lérida: A costa de Luys Manescal mercader de libros.

ROLLAND, Francisco (1780): *Adagios, proverbios, rifãos e anexins da Língua Portugueza*, […]. Lisboa: Typographia Rollandiana.

PAIS, José Machado (1985): «*De Espanha nem bom vento nem bom casamento*: sobre o enigma sociológico de um provérbio português», *Análise Social*, XXI (86), p. 229-243.

PEREIRA, Bento (1655). *Florilegio dos modos de falar, e adagios da lingoa Portugueza. Lisboa: Paulo Craaesbeck.*

POSTIGO ALDEAMIL, María Josefa (2007): «Términos paremiológicos en el portugués de los siglos XVI y XVII», in CONDE TARRÍO, Germán, *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon: E.M.E. & InterCommunications, p. 205-217.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: *Diccionario de Lengua Española (DEL)*, em linha, https://dle.rae.es (consulta: 18/2/2026).

SEVILLA MUÑOZ, Julia (2020): *Refranes del siglo XVI en el siglo XXI*. Ed. de Elke Cases Berbel. Vermont: University of Vermont. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/biblioteca_fraseologica/documentos/sevilla_refranes-s-xvi-en-s-xxi.pdf (consulta: 18/2/2026).

VIEIRA, Fr. Domingos (1871-1874): *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua portugueza*, 5 vols. Porto: Editores Chardron & Batholomeu H. de Moraes.